

DESMANCHES, A PERCEPÇÃO DE NAVA SOBRE O ESPAÇO. MEMÓRIA E NARRATIVA PELA PERSPECTIVA BENJAMINIANA

undo, Nava on the perception of space, memory and narrative perspective by Benjamin

João Eratóstenes Doulgras Cardoso¹

Resumo

Este trabalho propõe uma leitura benjaminiana sobre a obra de Pedro Nava. Partindo da leitura dos mecanismos da filosofia proposta por Walter Benjamin – experiência, narrativa e memória – como resgate da experiência por meio da rememoração, na qual o narrador se apresenta como principal figura no trabalho que torna o passado um utensílio para a construção do presente. Assim, o foco é encontrar nas memórias de Pedro Nava esses mesmos mecanismos que, elaboram tanto a construção de um personagem - o próprio Nava – quanto a construção de um espaço – Brasil, Minas Gerais, Belo Horizonte – configurando-se como sujeito da memória, narrador dos fragmentos em prol de um todo.

Palavras-chave: Experiência. Memória. Narrativa.

Abstract

This paper proposes a Benjaminiana way of reading on the work of Pedro Nava. Going from the reading mechanism of Philosophy, given by Walter Benjamin – experience, narrative and memory – as the rescue of the experience by the reminiscence way, in which the narrator present itself as the principal figure on the work that makes the past a tool to build the present. Therefore, the focus is to find on Pedro Nava's memory these same mechanisms that help both creation of a character – the actual Nava – and creation of space – Brazil, Minas Gerais, Belo Horizonte – setting itself as a subject of memory, narrator of the fragments in favor of it all as a whole.

Key words: Experience. Memory. Narrative.

A memória dos que envelhecem (e que transmitem aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com que ele estabelece contratos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho... ...para o menino que está escutando e vai prolongar por mais cinquenta, sessenta anos a lembrança que lhe chega, não como coisa morta, mas viva qual a flor olorosa e colorida, límpida e nítida e flagrante como um fato presente.(Pedro Nava; 1973, p.17)

Este texto propõe uma leitura que vincule a produção de narrativas memorialísticas que expressam a experiência de um indivíduo ou de um grupo. Não existe, entretanto a pretensão de reinventar o modo de se ver o estudo da memória, da narrativa ou da própria experiência, mas discutir as nuances, indagações e propostas obtidas por meio desse viés.

¹ Licenciatura Plena em História – UEG, Uruaçu-GO.

Pós-Graduação em História e Cultura Afro-brasileira – Universidade Candido Mendes.

Sendo assim, apegaremos a duas grandes personalidades do estudo memorialista, grandes apaixonados pela arte de narrar e pela experiência humana; Walter Benjamin (1892-1940), o filósofo, e o crítico alemão e Pedro Nava (1903-1984) um dos maiores, senão o maior memorialista brasileiro.

A obra do memorialista Pedro Nava, coloca-se em dimensões que ora aproximam, ora afastam do crítico modernista Walter Benjamin, apropriando-se do fragmento como utensílio de uma construção da totalidade, dos fatos vividos e relatados como característica fundante da experiência humana.

Os textos se constroem nas memórias de Nava a partir de fragmentos recuperados de uma observação atenta do concreto. Fragmentos que se sobrepõem, ora hierárquica, ora caoticamente, num movimento intermitente técnico de montagem assemelha-se à “constelação” benjaminiana. Essa *anamnese*² minuciosa do dado material combina-se com o estudo atento da arte e literatura da época.

O indivíduo nessa perspectiva resgata o passado nas crises do presente, Nava cria seu próprio universo em suas memórias, desde *Baú de Ossos* (1972) até *O Círio Perfeito* (1983). Benjamin criticou e lançou propostas sobre a frieza estabelecida pela modernidade, na tentativa de arrebatá-lo do homem de sua pobreza de experiência ao lançar-se na construção da narrativa como resgate da imagem do indivíduo frente à modernidade.

Segundo Joaquim Alvez de Aguiar (1998), Pedro da Silva Nava nasceu na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Formou-se em Medicina na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) em 1927 e fez parte de célebre geração modernista de Belo Horizonte. Como escritor, ele é considerado por muitos o maior memorialista da literatura brasileira.

Autor de uma coletânea composta de seis livros que carregam suas memórias. O *Baú de Ossos* (1972), texto que narra a história de seus antepassados. Posteriormente, já revelando sua infância e acontecimentos de seu cotidiano vieram o *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), que também marca a transição da infância para fase adulta culminado com outros três livros: *Beira Mar* (1978), *Galo das Trevas* (1981) e, por fim, *O Círio Perfeito* (1983).

Se textos mineiros como o de Francisco de Paula Ferreira de Resende no século passado (*Minhas Recordações*), ou, no atual, o de Helena Morley (*Minha Vida de Menina*), entre alguns outros, já afirmavam o gênero, eram raros e só se tornaram comuns hoje, quando se multiplicam. Também o Brasil cultivou pouco e nem sempre com brilho o depoimento pessoal, mas nos últimos anos recupera esse vazio,

² Anamnese: é um conceito platônico que define a recuperação, pela alma, do conhecimento perdido, ainda que esteja presa ao corpo físico. a alma é sábia, é imortal, ao nascer, a sabedoria é obscurecida. Substitui a teoria da reminiscência de Platão pela teoria da iluminação.

com a generalização de livros de memória. Agora, dezenas de políticos, escritores, artistas, cientista, gente comum e de todas as camadas sociais escrevem memórias, diários, depõem, fazem biografias e autobiografias, o que permite um aprofundamento do que é brasileiro, de possibilidade inexistente há poucos anos atrás. (BUENO, 1997, p. 12)

Pedro Nava elaborou por meio de suas memórias uma reconstrução da cultura brasileira no século XX, como os costumes familiares e sua cultura popular. A Belo Horizonte que marcou sua juventude e o Rio de Janeiro que também se inclui nessa fase, criam formas em suas narrativas com foco poético e uma profundidade de detalhes guardada aos grandes narradores. O fim de sua vida é um mistério. Cometeu suicídio com um tiro na cabeça aos 80 anos, por razões não conhecidas.

Walter Benedix Schonflies Benjamin nasceu em Berlim. Era de família judaica, fato que influencia a formação de seu pensamento filosófico. Em textos do autor da década de 30, como *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo* (1989), *A rua de mão única* (1928), *Experiência e pobreza* (1933), *O narrador* (1936), *A Origem do Drama Barroco Alemão* (1928) *Sobre o conceito de Histórias* (1940) entre outras obras que propõem uma revolução messiânica, seus conceitos trabalhavam na perspectiva de causar rupturas. Produziu assim, severas críticas e discussões em relação ao positivismo e as teorias historicistas alemãs³.

A ruptura proposta por Walter Benjamin era precisamente contra a ideologia dominante e alienante da elite burguesa capitalista/industrial. Para o Filósofo a modernidade

³ Historicismo Em sentido amplo, o qualificativo, originário do alemão *Historismus*, é dado a correntes do pensamento, segundo as quais é a história que faz o homem e não o homem que faz a história. Baseia-se no modelo romântico inaugurado por Herder e Schelling, para os quais o universo deixou de ser um sistema e passou a ser entendido como história, numa passagem do cosmológico para o antropocêntrico. O termo começa por ser utilizado por Carl Menger, em 1883, para qualificar e criticar a intervenção de alguns membros da Escola Histórica nos domínios da economia, nomeadamente G. Schmoller. O historiador alemão F. Meinecke consagra a expressão em 1936, na obra *Die Entstehung des Historismus*. Segundo Popper, o historicismo foi fundado por Hegel e Marx e tem como precursores Platão e Santo Agostinho. Para Hayek, o historicismo é caracterizado por estabelecer leis gerais do devir à imagem e semelhança das leis físicas. Generaliza a partir do particular. Para tais correntes, a história obedece a uma necessidade, tendo leis que nos escapam. Os movimentos historicistas falam num sentido da história ou num processo histórico. Aceitam que pesquisando determinadas leis se poderia determinar o futuro da humanidade. Diz-se também das orientações epistemológicas que consideram a história como a verdadeira ciência do homem e que a interpretação dos fenômenos sociais por assinalar-se o encadeamento dos fenômenos sociais no tempo bem como a respectiva singularidade. Neste sentido, consideram como tarefa da ciência a contemplação do processo histórico, tudo tendendo a reduzir à filosofia da história.. Conforme a definição do dicionário do pensamento político da Blackwell, *a filosofia da história fornece a base racional de qualquer conhecimento pertinente das actividades e das obras humanas*. Em sentido estrito, também se dizem historicistas as perspectivas do entendimento de um período qualquer da história, não de acordo com as ideias e os conceitos de hoje, mas com os instrumentos intelectuais disponíveis nesse tempo. Em sentido intermédio, o historicismo pode também significar revivalismo, o amor ou nostalgia por uma forma cultural de um tempo passado.

se via num intenso caos, no qual seus paradigmas estavam enraizados e dominados por uma filosofia positivista, linear e vazia, ou seja, pobre de experiências. Essa mesma perspectiva se apresenta em Nava. Em *Memórias Videntes do Brasil: a obra de Pedro Nava*, José Maria Cançado (2003, p. 153) afirma que: “o Narrador/Nava é atirado para fora da posição dominante”. O caráter narrativo de Pedro Nava não se prendia a uma evolução linear de suas experiências.

Para contar um baralho de cartas a única coisa a se fazer seria arrumá-lo diante do interlocutor, naipes por naipes e destes, colocar a seriação que vai do dois ao ás, ao curinga. Mas para explicar um jogo, um simples basto, para dizer duma dama é preciso falar no cinco, no seis, no valete, no rei; é necessário mostrar a barafunda das cartas e depois como elas vão saindo ao acaso e organizando-se em pares, trincas, sequências. Assim os fatos da memória. Para apresentá-los, cumpre dar sua raiz no passado, sua projeção no futuro. (NAVA, 1978 p.176)

Como o *Flauner* de Benjamin, que ao reconstruir Paris dispõe seus fragmentos de experiência em um mosaico, Nava reconstrói Belo Horizonte por meio de um desenrolar de um carteadado. Estratégia que lhe permite fugir da linearidade da escrita, além de construir a narrativa de uma época, que expressa a experiência do eu-coletivo. Ambas se apresentam em fragmentos que compõem um mosaico cultural, social, econômico e político de seu tempo.

Belo Horizonte seria para Nava o que Paris foi para Benjamin, muito mais que uma cidade, um lugar de memória, um objeto de estudo, a construção de uma imagem. Pedro Nava monta uma visão de cenas completas, contudo, fragmentadas. Essa montagem assemelha-se à ideia de constelação proposta por Walter Benjamin, no qual o passado se revela no presente.

Cançado (2003) compara as narrativas da chegada de Nava a Belo Horizonte, a estação, o desembarque, com as viagens retratadas por judeus escravizados pelos nazistas rumo aos campos de concentração. O que cabe aqui é a forma de narrativa, o desfecho pouco importa, ou seja, o fato em si não é o objeto de análise, mas sim a retratação, a construção imaginária de Pedro Nava que se revolve na sua memória.

A geração de Pedro Nava teve como cenário um mundo marcado pelas relações entre modernidade, movimento urbanizador e vanguarda, todo significado das imagens citadinas apreendido através das lições modernistas, que ensinavam Mário e Oswald de Andrade, entre outros. Essas características das figurações de cidades, a presença da defasagem temporal, no delineamento da imagem moderna urbanístico-literária, sugere a inclusão de outra referência para a leitura das memórias de Pedro Nava.

O Baudelaire para Benjamin em *Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo* (1989) era antes de qualquer coisa um observador e apreciador dos detalhes.

Baudelaire impõe sua poesia até mesmo sobre espaços vazios, associando-o a uma missão. Nava se encontra encravado nessa perspectiva missionária, do choque, do resgate.

A narrativa de Pedro Nava apresenta um caráter messiânico e totalitário, em contrapelo, nos fragmentos da sociedade e da cultura brasileira a partir de suas experiências. Para José Maria Cançado (2003) a composição memorialística de Nava compõe-se como uma vasta e incessante colagem de fragmentos, de restos, de resíduos.

Pedro Nava, assim como Benjamin, se colocou como crítico dessa visão dominante e elitista. Na experiência individual que Nava reconstrói o passado como uma herança para o presente ele choca elementos do passado brasileiro que se apresenta nas memórias como máculas. Como por exemplo, nossa marca escravocrata e periférica detalhada no texto *Baú de Ossos* (1972). Nessa reconstrução sem pudor nem barreiras, mas com detalhes e fatos, em outras palavras, em fragmentos e ruínas, é que o memorialista Pedro Nava apresenta elementos da filosofia benjaminiana.

Ao criar seu próprio universo em suas memórias, Pedro Nava luta contra duas ordens de ruínas, a do olhar modernista que fixou seu perfil e a das cidades projetadas pela perspectiva fria estabelecida pela modernidade. Benjamin critica e lança propostas sobre esse mesmo prisma, a tentativa de arrebatá-lo o homem de sua pobreza de experiência e lançar-se à narrativa como resgate do indivíduo que passa por mutação no decorrer do tempo, mas que não perde seu caráter humano.

Contemporâneo alemão dos modernistas brasileiros, entre eles Pedro Nava, Walter Benjamin, propõe e ensaia em seus escritos a compreensão da sociedade modernista oitocentista, com elementos restaurados em fragmentos da vida urbana. O resgate crítico, por meio do qual o leitor passa, situa-o em sua atualidade. Para a leitura benjaminiana de Nava essa ideia de rememoração messiânica abrange as dimensões histórica, memorialística e ficcional.

Contudo, a obra de Benjamin oferece respaldo enquanto matéria concreta, ao contrapor corpo – individual - e cidade – coletivo. Antônio Sergio Bueno em *Vísceras da Memória uma leitura da obra de Pedro Nava* (1997), faz uma leitura da obra de Nava com um eixo estabelecido: espaço, corpo e figuração. Numa visão sintética, capaz captar o essencial das memórias navianas para montagens de retratos ou imagens, que o próprio memorialista adota como ânsia de uma totalidade gerada por fragmentos.

Outra tensão inquietante é a que se mostra entre a inevitável fragmentação ou descontinuidade das coisas e a ânsia de totalidade demonstrada pelo sujeito da memória... ...A ânsia da totalidade é outro tormento porque o memorialista não aceita a realidade humana da perda. O gosto pelo detalhe, a obsessão do pormenor é

o traço de linguagem que traduz essa necessidade de tudo registrar, de obter todos os vazios. São esses vazios, entretanto, que nos permitem falar do sujeito das memórias. (BUENO, 1997, p. 23)

Nesse sentido o narrador de Benjamin é o que luta para não ser morto pela ânsia do herói moderno, que é pretendido por Proust a assumir e restaurar o presente; o Baudelaire, o *Flauner* que vivem a modernidade, assim como Pedro Nava, são para a corrente benjaminiana os sujeitos de memórias.

Suas experiências entram em conjunção na memória, fatos do passado individual somados ao coletivo. Em relação a experiência Walter Benjamin (1989, p.107) diz que: “Provocam a rememoração em determinados momentos e davam-lhe pretexto de se reproduzir durante toda a vida”. Assim o narrador remonta o passado gerando-lhe a eternidade.

Walter Benjamin em *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão* (2002) nos remete a ideia de que a crítica, e conseqüentemente a memória, deve se vincular ao conhecimento puro, ou também vinculado a valorações herdadas do coletivo. Recortar o passado por meio das crises do presente é a proposta revolucionária do surrealismo na qual Benjamin enxerga uma perspectiva instigante para a observação da metrópole francesa.

Pedro Nava em *Chão de Ferro* (1976) e *Beira Mar* (1978) apresenta elementos da Belo Horizonte de sua mocidade. Encontra em suas lembranças os paradigmas isolados, individuais, e ao mesmo tempo remonta uma BH de festas, comemorações e decepções. É nesse sentido da glória e do horror que a filosofia benjaminiana se encontra nas memórias de Nava.

Para Benjamin, Paris tornou-se, nas décadas de 1920 e 1930, o principal objeto de sua pesquisa. Relatou sua experiência, as lembranças pessoais e a erudição filosófica. Das influências literárias da reformulação do conceito de alegoria e as reflexões sobre o cinema, arte, o conhecimento teológico aos estudos marxistas, desenvolveu uma inovadora metodologia crítica. Seu projeto era revelar o sentido contraditório da modernidade.

Quando Nava promove uma fuga da História linear e vazia, como já citado, presente na historiografia positivista dominante, o memorialista promove uma descentralização de suas memórias, um distanciamento do linear, apresentando traços da ideia benjaminiana. Ao observar o ir e vir de suas memórias, de suas experiências, sua narrativa revela o Nava benjaminiano.

Os caprichos de minha narrativa, certas analogias, algumas associações, muita estória puxa estória vieram me trazendo até os albores de 1924 antes que eu desse por findo tudo que teria de dizer sobre 1922 e 1923. Tinha de ser assim, para narrar

meus estudos e a formação do Grupo do Estrela. Para fazer um relato absolutamente cronológico teria de cair no que tenho evitado, que é o diário. Prefiro deixar a memória vogar, ir, vir, parar, voltar. (NAVA, 1978 p.176)

A atividade escritural, desenvolvida por Nava, ainda que resulte de uma concepção prática e científica, pois estudou medicina, sua maior marca está na concepção artístico-literária, recebendo influências do cubo-futurismo, o expressionismo e do surrealismo, pois não pretende mais do que o registro da experiência de uma geração, pela via do testemunho pessoal, por meio da narração de suas experiências.

Na base da empreitada não se evidenciam nem uma reflexão teórica nem uma consciência política, elaborada para fins de criticidade. Entretanto, a observação e recuperação de lembranças e o perspicaz senso estético-especulativo de seu ordenamento produziram um resultado que responde tanto a exigências da narrativa histórica, quanto da literária.

Ao recompor, com detalhes de imagens sensoriais, os cenários urbanos da vivência passada, tanto o Rio quanto a própria Belo Horizonte, as memórias de Nava superam os limites da autobiografia individual e reproduzem, em dimensão coletiva, o choque de poderes, saberes e desejos que configurou a sociedade brasileira do período conhecido como entreguerras. Revela-se assim, toda a face de uma sociedade em um espaço físico e temporal.

A modernidade e suas nuances geram uma série de situações para o crescimento intelectual e crítico de Walter Benjamin. Que elabora então uma série de conceitos como: crítica, tese, linguagem, memória e narrativa, sendo os dois últimos os principais pilares de seu conceito de História, a história a contrapelo.

Walter Benjamin adquiriu contato com várias teorias. Porém, não parece correto apontar um Benjamin antes e depois da década de 30 como muitos pretendem fazer. Não se pode fragmentar o pensamento de alguém que experimenta várias teorias, dividido em um antes e depois, esse crítico conseguiu absolver e discutir com uma leva muito grande de ideias, transformando seu trabalho único e complexo.

Nesse cenário, a memória e a narração para Jeanne Marie Gagnebin (2007) se colocam como ferramentas fundamentais para construção da teoria da História benjaminiana. As duas noções serão utilizadas como âncoras para aproximar o passado do presente, trabalhando ora como força messiânica ora como apropriação do passado para construção historiográfica do século XX.

O *anamnese* que Nava coloca ao construir sua narrativa evidencia sua experiência, torna-o sujeito da memória, o que para Benjamin seria o responsável por reconstruir a história

sob uma nova perspectiva, que fugiria do olhar frio, vazio e elitista estabelecido pelo positivismo e alcançaria, assim como a obra de Nava foi – uma reconstrução cultural do Brasil por ele vivido – uma História mais próxima do real, de fragmentos bons ou ruins que constrói um povo, um lugar e até mesmo um sujeito.

A memória e narrativa em Pedro Nava destacam muito mais que detalhes e fragmentos. As memórias de Nava, que também são compreendidas como reconstruções do passado, revelam vários aspectos da cultura brasileira. Sendo assim, a filosofia benjaminiana se revela no ato messiânico que Nava constrói ao revelar o passado do Brasil por meio de suas lembranças.

A memória enquanto captadora do passado pode ser classificada como uma partilha que a modernidade interrompe, impossibilita. Em *O Narrador* (1994), Benjamin deixa claro o valor épico da faculdade de lembrar, que em Nava se apresenta com uma grande riqueza de detalhes.

A relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é denominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades (BENJAMIN, 1994, p. 210)

A memória ao salvar o passado do esquecimento, por meio da rememoração⁴, restaura a figura do narrador, o pensamento benjaminiano nesse aspecto encara a experiência como relicários da memória que pode e deve nos iluminar como mecanismo de resgate do passado *Des Ausser-uns-Seins* — do que está-fora-de-nós. Pedro Nava nesse sentido reconstrói o Narrador que Benjamin acredita ter sido sucumbido pela modernidade.

Walter Benjamin, como legado deixou-nos uma obra filosófica na qual se cruzam os assuntos que tentava compreender e estudar: História, Modernidade, Arte, Tecnologia, Literatura dos séculos XIX e XX e as obras literárias de Baudelaire, Brecht, Hölderlin, Kafka e Proust. Aqui destacaremos Proust e Kafka dentre tantas influências sofrida por Walter Benjamin. Tais escritores, principalmente Proust, também marcam profundamente o estilo de narração assumido por Pedro Nava.

Márcio Seligmann-Silva em *Ler o Livro do Mundo* (1999) relata que o filósofo tenta analisar o advento da experiência da vida cotidiana no século XIX e XX, já que toda a experiência humana transformou-se profundamente, desconfigurando assim a imagem do tradutor, como consequência a imagem do presente.

⁴ Rememorar: forma com que a narrativa acerca do passado nos remete à nossa própria condição histórica.

Hannah Arendt (1987) destaca as principais contribuições de Proust e Kafka sob a influência ao pensamento benjaminiano. A autora os apresenta como importantes formadores do pensamento de Benjamin, que se tornaria um dos maiores críticos literários do século XX, pois ambos foram responsáveis por lhe apresentar outras teorias. A experiência particular e privada de Proust segundo Gagnebin no prefácio de *Obras Escolhidas, Magia e técnica, Arte e Política* (1994) não está vinculada a grande experiência coletiva, base fundamental da narrativa antiga.

Para Rízzia Soares Rocha em *O Pensamento Temporal de Walter Benjamin e Marcel Proust (S/D)* a teoria de Proust busca a reorganização dos sentidos, em consequência da memória. Nessa perspectiva a fragmentação das sociedades dilacera a individualidade de seus habitantes. Proust busca, então, uma nova forma de narrativa, no qual forja em meio a essa sociedade multifacetada um novo conceito de verdade pela a leitura e decifração de indícios.

A influência de Proust é também preceptiva na forma de narrativa de Pedro Nava. Os detalhes, os fragmentos, as construções de imagens que, para Benjamin constrói uma totalidade, está presente nos textos do memorialista brasileiro. Os indícios que eram de tamanha importância para Proust, e posteriormente, supervalorizados pelo pensamento benjaminiano são incontestáveis na obra de Pedro Nava.

A riqueza da invenção proustiana consiste em contar não apenas com a dimensão temporal que a ciência estática e newtoniana de seu tempo não podia conceber e que Einstein valorizou, mas com a possibilidade de saltar acontecimentos da história de seu herói sem se submeter à dimensão cronológica do tempo. (WILLEMART, 2000, p.153)

Para Proust, segundo Philippe Willemart em *Proust, Poeta e Psicanalista* (2000), o narrador constrói uma lógica dos acontecimentos independente da reminiscência⁵ no sentido platônico da palavra, que mesmo estando ligada a memória simbólica ou lógica, por meio de uma lembrança primeira, que por consequência reconstrói o passado.

Tal qual Proust, de quem foi assíduo leitor, Nava começava a trazer à tona o que estava submerso, assim como também Benjamin almejava, ao abrir o baú da memória, a

⁵ Reminiscência; Uma das condições para a indagação ou investigação acerca das Ideias é que não estamos em estado de completa ignorância sobre elas. Do contrário, não teríamos nem o desejo nem o poder de procurá-las. Em vista disso, é uma condição necessária, para tal investigação, que tenhamos em nossa alma alguma espécie de conhecimento ou lembrança de nosso contato com as Ideias (contato esse ocorrido antes do nosso próprio nascimento) e nos recordemos das Ideias ao vê-las reproduzidas palidamente nas coisas. Deste modo, toda a ciência platônica é uma reminiscência.

exumar e a reanimar seus mortos. No lugar dos elementos do passado de Marcel Proust, os doces de coco, o cheiro do cravo, a carne, a banha e o sabor de porco que toma toda a comida mineira, a batida do Ceará, a rua do Ouvidor, a topografia de Juiz de Fora. São os fragmentos que constroem o mosaico benjaminiano em Nava.

Essa falta de linearidade defendida por Walter Benjamin está absolutamente intrínseca nas memórias de Nava. Sobre o passado Willemart (2000, p.155) diz que: “Se o escritor é o ser que atravessa as fronteiras do símbolo e do imaginário para remontar um pedaço do real, como salientamos, ele cria com um esforço imenso que lhe permitirá revelar uma migalha do real.”

O que Benjamin busca com as constelações é justamente remontar esse passado migalha por migalha. Nava em suas migalhas chega muito próximo do real de Brasil, de Minas, de Belo Horizonte, de suas próprias experiências. Usa-se o individual na construção do coletivo sob influências da narrativa proustiana. Neste trecho de *Balão Cativo* (1973) é perceptivo o uso do “Eu” para a construção e revelação do “Nós”.

Guardo várias recordações do nosso futebol. Dos uniformes: camisa de flanela às riscas pretas e vermelhas; bonés, como os de jóquei, do mesmo pano ou gorros de malha enterrados por cima das orelhas, até aos olhos e à nuca, calções brancos, chuteiras de couro cru amarelas ou esverdeadas, com travas transversais ou cilíndricas. Eram acolchoadas, enfiadas com longos cadarços que era moda, pôr em espica – dando voltas em 8 em torno aos maléolos e em torno aos pés. Lembro do Willer Pinto e da sua palamenta de caneleiras, tornozeleiras, joelheiras e enchimentos prudentes para atenuar o baque dos trancos. Ele, aliás, me impressionava muito! Não por esses instrumentos, não por jogar pessimamente, mas pelo fato de ser parente próximo do rei de Espanha. Pelo menos assim passei a considerá-lo, num dia em que ele, falando de seus progenitores, confiara à roda dos colegas: minha mãe e infante. Eu, que ainda não tinha ouvido falar de família Infante Vieira, tomei a D. Cecília como Infanta (feito as duma história de O Tico-Tico) e, esnobe, regozijei-me de ser condiscípulo dum príncipe da Casa d’Áustria. Lembro-me dos nossos grandes jogadores com o Titita Prates, seu irmão Gilberto, o Antônio Otôni (Parrinha), Leopoldo Barbosa, Camilo Pimentel, Edson e Guy Jacob, Gerson Coelho, Francisco Brandão, Zé Megali e Álvaro Sales...(NAVA, 1973, p. 136/137)

Ao narrar seus amigos, seu time de futebol, suas surpresas, suas sensações Nava revela toda uma estrutura cultural. Sob sua ótica se revela um complexo comum a um determinado grupo social. Em *O narrador* (1936) Benjamin esclarece que essa experiência individual que passa por toda e qualquer pessoa é a fonte para qual todo narrador irá recorrer.

Para Bueno o sujeito da memória de Pedro Nava está todo voltado para o passado. Porém, com base em Benjamin, o Narrador não olha o passado com saudosismo apenas, mas como fonte de explicação para seu presente. O memorialista Pedro Nava também não se prende a ruína pela ruína, mas se busca o resíduo, o fragmento, o detalhe para haver uma construção totalitária. O Narrador benjaminiano encontrado em Pedro Nava segundo Bueno

(1997, p. 45) “é uma espécie de colecionador de ruínas que nelas reconhece ao mesmo tempo o horror do escombros e a glória do vestígio”

Segundo José Maria Cançado o narrador Nava povoou o mapa de suas memórias para compor uma identidade que se define com alteridade, buscando na memória elementos de nossa formação. O núcleo familiar é a porta de entrada que a narrativa naviana usa para entrar no mundo brasileiro, composta de uma singela negação na promoção da ruptura preterida por Benjamin em relação ao esfriamento das relações através da modernidade.

A filosofia benjaminiana trabalha a estrutura da memória como decisiva para a estrutura filosófica da experiência, esta é matéria da tradição, tanto no privado quanto no coletivo. A modernidade promove a perda da experiência. A análise do fracasso da *Erfahrung* – *Experiência*, é uma discussão presente no texto *A Criança, O Brinquedo, e a Educação* (1984) de Walter Benjamin. No mundo capitalista moderno em detrimento da individualidade e do isolamento, Benjamin propõe a reconstrução da experiência humana para garantir uma nova forma de narrativa.

Nava resiste à tendência da atrofia progressista da experiência na modernidade. Em Benjamin a experiência engloba várias formas de viver, e construir sua realidade. O memorialista brasileiro Pedro Nava foi um guardião da memória, não simplesmente em atenuantes singulares, mas em dados acumulados na experiência. Nava se revela para a filosofia benjaminiana um colecionador de cacos. Ele consegue, ao liberar o objeto do tempo contínuo, devolver a aura às experiências pretéritas.

A forma como Nava narra a vida de sua família, seus descendentes, sua infância, sua juventude no Rio e em Belo Horizonte, o ar cômico no qual tratou em *Beira Mar* (1978) do emprego de sua mãe, revelam situações do cotidiano sem que ele se prenda ao mesmo. Nava empregou em suas memórias o distanciamento necessário para se enxergar o coletivo e ao mesmo tempo demonstrou alto grau de envolvimento ao transparecer suas emoções e sentimentos.

Nessa perspectiva é que o memorialista brasileiro ora se aproxima ora se distancia do crítico alemão. Benjamin constantemente é ressaltado nos escritos de Nava. A alegoria messiânica e revolucionária proposta pelo filósofo alemão se destacam quando Nava (1978 p. 214) afirma: “A esse propósito vale lembrar que *A Revista* preconizava não se atirassem pedras indiscriminadamente no passado, mas que, antes, ele fosse cultivado.” Tanto para Benjamin quanto para Nava o passado serviria de auxílio para esculpir melhor o presente e por consequência o futuro.

Ainda no texto *Beira Mar* Nava (1978 p. 214) diz que: “o passado não é um museu em que o visitante passeia um olhar de vidro. É coisa viva.” É essa a principal ideia benjaminiana encontrada em Nava. Não a ânsia moderna que embrenha em caos e contradições, mas uma perspectiva messiânica do passado em relação ao presente.

A experiência assassinada pela modernidade não morre nas memórias de Pedro Nava. O cultivo de suas lembranças faz de seus escritos sempre textos vivos. A rememoração reconstrói o passado por ele vivido e experienciado. Nava assume a proposta de Walter Benjamin de não assumir uma linearidade vazia e pragmática da experiência humana.

Benjamin em *Experiência e Pobreza* (1994, p. 117) deixa bem claro a dimensão do problema quando afirma que: “Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma nova barbárie.” Remontar o passado exige muito mais do que lembranças, é necessário a arte da narrativa. Como se soubesse que é preciso viver para só então se pôr a narrar, Pedro Nava esperou a sua hora. Formou-se, amadureceu as experiências vividas, para depois rememorá-las; não como romance ou poesia, mas como memórias.

Parafraseando Michael Löwy no texto *Walter Benjamin: aviso de incêndio* (2005) “Não há luta pelo futuro sem memória do passado.” É que se pode afirmar que os elementos benjaminianos encontrados em Nava revelam um homem capaz de reconstruir o passado e lutar pelo futuro. É nesse contexto que o memorialista brasileiro Pedro Nava apresenta elementos da filosofia do alemão Walter Benjamin, na arte de narrar, na rememoração e exposição de suas experiências. Revela-se muito mais do que um homem, mas todo um complexo cultural.

Referência Bibliográfica

1) OBRAS DE WALTER BENJAMIN

_____. Nava, Pedro. 1903- Baú de Ossos : memórias. 2º Ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympia Editora – Sabiá, 1973.

_____. Nava, Pedro. 1903- Balão Cativo : memórias/2 . Rio de Janeiro, J. Olympia Editora, 1973.

_____. Nava, Pedro. 1903- Beira Mar : memórias/4. Rio de Janeiro, Livraria José Olympia Editora, 1978.

Benjamin, Walter. O Conceito de Crítica de Arte No Romantismo Alemão – Tradução: Marcio Seligmann. Ed. 3º; Editora Iluminuras. 2002.

Benjamin, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. *Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

2) Obras Gerais

Bueno, Antônio Sérgio. *Vísceras da Memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*, - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

Cançado, José Maria. *Memórias Videntes do Brasil : a obra de Pedro Nava* - Belo Horizonte : Ed. UFMG, 2003.

Historia de la Filosofía VI. Segunda edición : bibliotecas de autores cristanos. Madrid : MCMLXXXVIII.

Arendt, Hannah. *Entre o futuro e o passado*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Campos, Maria José Jóia Forte S. e. O Corcundinha, o anão e o anjo: modernidade e contemporaneidade em Walter Benjamin. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1996 (tese de mestrado)

Damião, Carla Milani. A coroação do anti-subjetivismo. In. *Revista Cult*, nº 106, ano 9: p. 57-59.

Falcon, Francisco José Calazans. Historicismo: antigas e novas questões. *História Revista*, v. 7, nº1/2, 23-54, jan/dez. 2002

Freire Júnior, Josias José. A filosofia da História de Walter Benjamin. *Revista de Teoria da História*, ano 1, n° 1, 4-16: 2009.

Gay, Peter. *A Cultura de Weimar*. 1978.

Gagnebin, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. Memória, História e Testemunho. In. Bresciani, Stella & Naxara, Márcia (orgs.) *Memória e (res)sentimento*. Campinas-SP: UNICAMP, 2004. p. 85-94

_____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e História..* Rio de Janeiro: imago, 1997.

Löwy, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo, 2005.

Martins, Estevão de Rezende. Historicismo: tese, legado e fragilidade. *História Revista*, v. 7, n°1/2,1-22 jan/dez. 2002

Pollak, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Roanet, Sergio Paulo. *Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Apresentação. In. Benjamin, Walter. *Origem do drama barroco*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 11-47

Seligmann-Silva, Márcio. *Ler o livro do mundo*. São Paulo: Iluminuras, 1999.